

A CONQUISTA DE JERICÓ SOB O OLHAR DA ARQUEOLOGIA E DA HISTÓRIA

CHANDLER TIAGO DOS S. SANT' ANA¹

Resumo: A presente pesquisa tem por objetivo apresentar o debate arqueológico travado nos últimos anos por inúmeros arqueólogos sobre a conquista de Jericó (Tell es-Sultan). Os chamados arqueólogos minimalistas têm se valido das pesquisas de Kathleen Kenyon para negar a historicidade da narrativa; por outro lado, os chamados maximalistas têm feito revisões ao trabalho de Kenyon e contra-argumentado. Neste artigo será oferecida uma exposição dos argumentos dos principais arqueólogos envolvidos no debate sobre esse sítio. A primeira parte da pesquisa exibirá um estudo sobre a conquista de Jericó sob o olhar da arqueologia, e a segunda parte, sob o olhar da história.

57

Palavras-chave: Jericó; Conquista; Arqueologia; História.

THE CONQUEST OF JERICHO UNDER THE VIEW OF ARCHEOLOGY AND HISTORY

Abstract: The present research aims to present the archaeological debate carried out in recent years by numerous archaeologists about the conquest of Jericho (Tell es-Sultan). The so-called minimalist archaeologists have used Kathleen Kenyon's research to deny the historicity of the narrative, while the so-called maximalists have made revisions to Kenyon's work and counter-argued. In this article, an exposition of the arguments of the main archaeologists involved in the debate about this site will be offered. The first part of the research will show a study on the conquest of Jericho from the perspective of archeology and the second part from the perspective of history.

Keywords: Jericho; Conquest; Archeology; History.

¹ Bacharel em Teologia pelo Seminário Adventista Latino-americano de Teologia – Faculdade Adventista da Bahia; mestrando em História; pós-graduando em História e Arqueologia do Antigo Oriente Próximo e Mediterrânea pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp), graduando em Estudos Judaicos pelo Seminario Rabínico Latino-americano Marshall T. Meyer e licenciando em História pelo Centro Universitário Internacional (Uninter). E-mail: chandlertiagosantana@gmail.com.

1. Introdução

O tema da conquista de Jericó deu origem a acalorados debates acadêmicos, pois os chamados arqueólogos minimalistas tendem a negar a historicidade da narrativa, enquanto, por outro lado, os maximalistas sustentam sua veracidade. Assim, uma análise dos principais argumentos é relevante para a compreensão do tema. O presente artigo tem por objetivo apresentar o debate acadêmico sobre a conquista de Jericó, colocando lado a lado os diferentes argumentos e exibindo-os aos leitores.

2. A Conquista de Jericó sob o Olhar da Arqueologia

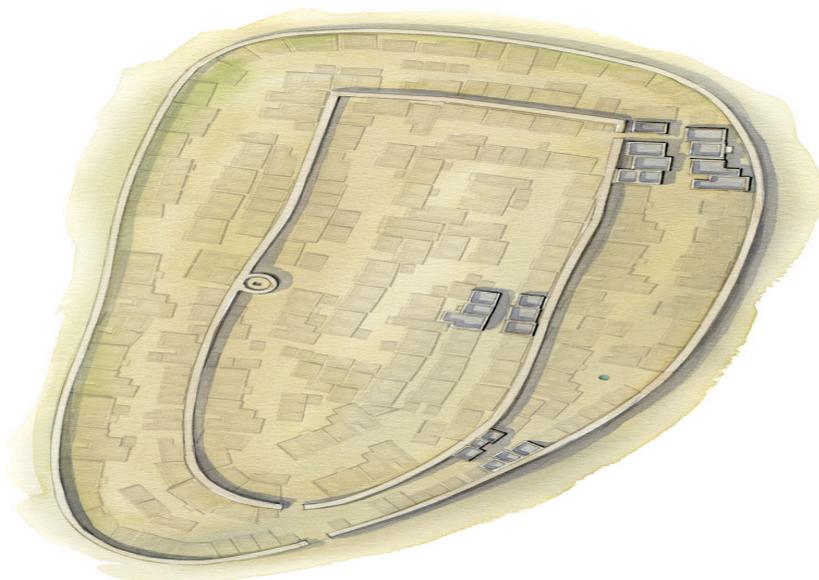
Uma das histórias mais conhecidas da Bíblia Hebraica é a da conquista da cidade de Jericó, localizada ao norte do Mar Morto, e a menos de 8 quilômetros a oeste do rio Jordão. Essa é talvez a cidade mais antiga do mundo ainda habitada (CURRID *et al.*, 2010, p. 200; WALTON *et al.*, 2018, p. 280). O livro de Josué conta que após a morte de Moisés, servo de YHWH, Josué assume o posto de líder e deveria liderar o povo na conquista da terra (Js 1:1-9).

Figura 1: Imagem do sítio de Tell es-Sultan (Jericó)



Fonte: Currid *et al.* (2010, p. 201).

A imagem abaixo retrata alguns dos restos das escavações em Jericó dos vários períodos de sua história. A muralha externa da cidade vem do Bronze Médio Final (2000-1550 AEC), enquanto a muralha interna da cidade é datada do início da Idade do Bronze (3200-2200 AEC) (BARROSA *et al.*, 2021, p. 1-12; NIGRO *et al.*, 2019, p. 211-241).

Figura 2: Reconstrução das antigas muralhas de Jericó

Fonte: CURRID *et al.* (2010, p. 204).

A saga de conquistas de Josué começa com a cidade de Jericó que, segundo o texto bíblico, era fortificada, tornando difícil a invasão israelita. Josué recebe instruções divinas específicas que tornariam possível tal conquista (Js 6:3-6, NVI):

Marche uma vez ao redor da cidade, com todos os homens armados. Faça isso durante seis dias. Sete sacerdotes levarão cada um uma trombeta de chifre de carneiro à frente da arca. No sétimo dia, marchem todos sete vezes ao redor da cidade, e os sacerdotes toquem as trombetas. Quando as trombetas soarem um longo toque, todo o povo dará um forte grito; o muro da cidade cairá e o povo atacará, cada um do lugar onde estiver (BÍBLIA, 2017).

O povo segue tais instruções e, segundo a narrativa, conquista a cidade. Os primeiros arqueólogos a escavar a cidade de Jericó (Tell es-Sultan) tendiam a entender que a evidência material favorecia a historicidade da narrativa bíblica. O relato da conquista de Jericó por Josué é um ponto crucial na história bíblica, pois a entrada dos israelitas na “Terra Prometida” é importante para a criação do reino bíblico de Israel sob Davi e Salomão, algum tempo depois (COBBING, 2009, p. 63).

A primeira equipe a escavar as ruínas da cidade foi liderada por Charles Warren, em 1868. Mas, depois de nada encontrarem além de terra e tijolos de barro, os pesquisadores desistiram. Quarenta anos mais tarde, novas escavações foram feitas em Jericó. Os arqueólogos alemães, guiados por Ernst Sellin e Carl Watzinger, desenterraram parte do muro e de casas da cidade entre os anos de 1907 e 1909. Nada acharam que pudessem considerar como resultado do ataque de Josué.

Entre 1930 e 1936, John Garstang, da Universidade de Liverpool, depois de algumas semanas de escavações, surpreendeu o mundo. Ele encontrou tijolos de barro e os restos de uma muralha antiga que teriam sido destruídos por um terremoto que ajudou a conquista do local por Josué. Segundo ele, esses achados estavam relacionados com a conquista de Josué, o que provaria a historicidade da narrativa (MILLARD, 1999, p. 96; SILVA, 2008, p. 115-116).

Alan Millard destaca que Garstang teria encontrado dois muros, paralelos, com um espaço de 4,5 metros entre eles. A ideia era de que um dia houve construções assentadas sobre o topo desses muros, e um violento incêndio arrasara a cidade. Segundo Garstang, isso aconteceu por volta de 1400 AEC (MILLARD, 1999, p. 96).

Figura 3: Muros paralelos com um espaço de 4,5 metros entre eles, encontrados por John Garstang



Fonte: Millard (1999, p. 96).

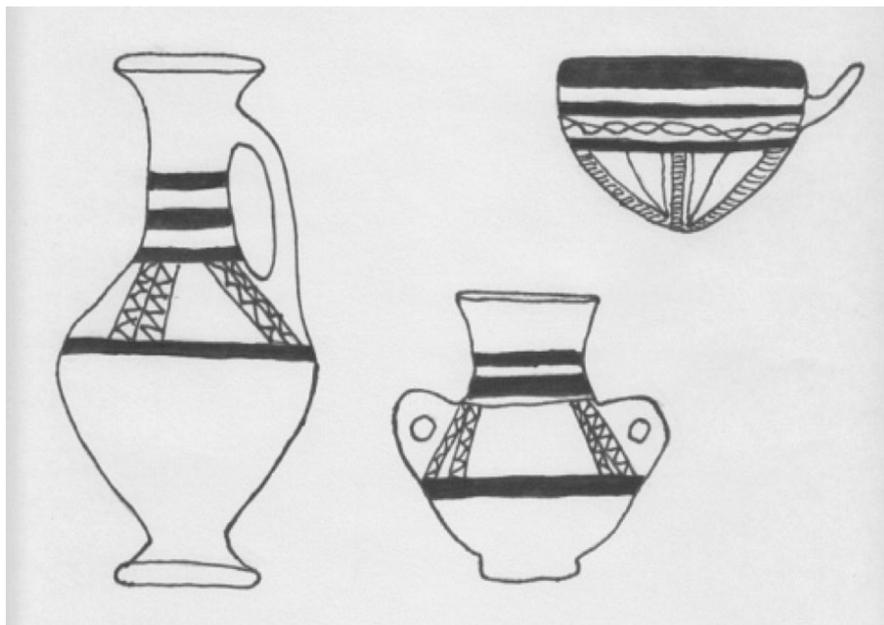
Alguns anos depois, Garstang soliciou à arqueóloga britânica Kathleen Kenyon que verificasse novamente os resultados de suas pesquisas. Em 1952, Kenyon iniciou sua jornada de escavações, que duraram até 1958. Ela chegou a conclusões diferentes das de Garstang, que tinha datado seu achado por volta de 1400 AEC, enquanto Kenyon os datou por volta de 1550 AEC. Ela atribuiu a destruição de 1550 AEC à atividade egípcia, associada à expulsão dos hicsos e aos primórdios da hegemonia do Egito na região. Após sua destruição, essa cidade foi desocupada por vários séculos e então reocupada brevemente durante a Idade do Bronze Final (HOFFMEIER, 2008, p. 100-101; DEVER, 2020, p. 43).

A arqueóloga baseou-se, em grande medida, no fato de não haver encontrado cerâmica cipriota no local, o que justificaria sua datação. As paredes da cidade foram datadas por ela como sendo pelo menos mil anos mais antigas do que a época de Josué (PRICE *et al.*, 2020, p. 268; COBBING, 2009, p. 65).

Kenyon confiou fortemente na ausência de cerâmica cipriota para sua datação, porém Garstang encontrou fragmentos desse tipo. As análises mais recentes de ativações de nêutrons mostraram que esse tipo de cerâmica era de produção local e não importado.² Essa evidência ainda sugere que os oleiros em Jericó ou em torno conheciam esse tipo de cerâmica (KAISER *et al.*, 2016, p. 560).

Figura 4: Cerâmica cipriota bicolor com decoração vermelha e preta

² Para estudo detalhado sobre a produção e disseminação de cerâmica no período do bronze e do ferro, ver Wood (1990).

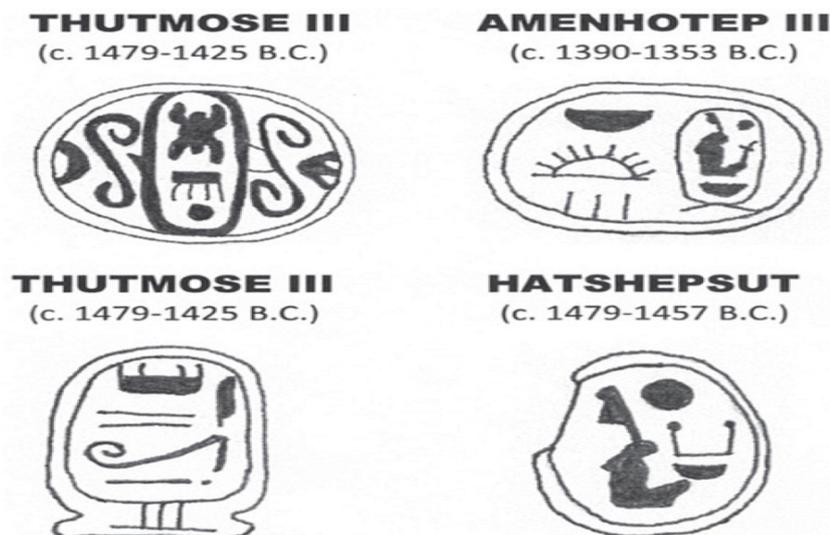


Fonte: Kaiser *et al.* (2016, p. 561).

Bryant Wood contestou a datação de Kenyon e datou a cerâmica do local por volta de 1400 AEC, porém, sua proposta não foi aceita por diversos acadêmicos (WOOD, 1990, p. 44-59). Nos últimos anos, as expedições ítalo-palestinas em Jericó parecem favorecer a datação de Kenyon. Não obstante, a equipe ítalo-palestina encontrou escaravinhos egípcios no local, que são datados por volta de 1500-1386 AEC, indicando que havia um cemitério em uso na época, ou seja, houve uma ocupação do sítio nessa época.

61

Figura 5: Escaravinhos egípcios da Idade do Bronze Final



Fonte: Kaiser *et al.* (2016, p. 559).

Price e House (2020, p. 71) sugerem que esses amuletos podem ter sido levados para lá na saída do Egito (Êx 12:35-36). Randall Price (2006, 135) faz considerações significativas quando salienta:

A estratigrafia da Cidade IV (o sítio escavado por Garstang e Kenyon) mais tarde revelou 20 diferentes fases arquitetônicas que duraram por longos períodos e sofreram doze destruições menores. Se, como Kenyon declara, a cidade encontrou seu fim em 1550 AEC, no Bronze Médio II, então todas estas fases teriam que ser encaixadas no período anterior – do Bronze Médio III (1650-1550 AEC.), um tempo impossivelmente curto para tanta atividade. 3) Uma amostra de radiocarbono tirada de um pedaço de carvão nos detritos da camada da destruição final ofereceu a data de 1410 AEC (aumentando ou diminuindo 40 anos). A análise de Wood acrescenta novo apoio arqueológico de que a Cidade IV em Jericó devia ser datada em 1400 AEC com Garstang e a cronologia bíblica.

O arqueólogo israelense Israel Finkelstein (2018, p. 133-134), tendo por base pesquisas como as de Kenyon citadas acima, salienta:

Jericó figurou entre as mais importantes. Como registramos, as cidades de Canaã não eram fortificadas e não havia muralhas que poderiam ter sido postas abaixo. No caso de Jericó, não havia vestígio de nenhum tipo de assentamento no século XIII AEC[,] e o assentamento do Bronze Tardio, datado do século XIV AEC, foi pequeno e pobre, quase insignificante e sem fortificações. Tampouco havia sinal de alguma destruição. Assim, a famosa cena das forças israelitas marchando ao redor da cidade murada com a Arca da Aliança, levando as poderosas muralhas de Jericó ao colapso pelo ato de soprar as trombetas de guerra é, em termos bem simples, uma miragem romântica.

A forma como Finkelstein coloca suas conclusões faz parecer que a discussão está encerrada e que tudo está resolvido; porém, há ampla discussão sobre o tema, como foi apresentado acima. Amihai Mazar, falando sobre as muralhas da cidade, destaca, à semelhança de Finkelstein, que em Jericó não ficou nenhum vestígio de fortificações do Bronze Final, e isso foi tomado como evidência contra o valor histórico da narrativa.

As descobertas em Jericó, no entanto, mostram que houve um assentamento durante a Idade do Bronze final, embora a maior parte dos restos tenham sido erodidos ou removidos pela atividade humana. Talvez, como em outros sítios, as maciças fortificações do Bronze Médio tenham sido reutilizadas na Idade do Bronze Final (MAZAR, 1992, p. 331).

Eventos climáticos, como erosões, chuvas e ventos, podem ter levado grande parte das ruínas da época a desaparecer, visto que eram tijolos de barro, o que torna difícil qualquer conclusão assertiva (DEVER, 2003, p. 54; BRIGHT, 2019, p. 263; MILLARD, 1999, p. 98). Mazar destacou que os dados arqueológicos no caso de Jericó não podem ser usados para indicar ausência de historicidade na narrativa de Josué; assim, o debate é inconclusivo.³

3. A Conquista de Jericó sob o Olhar da História

Se unir as peças do quebra-cabeça arqueológico é desafiador, o mesmo se dá com o histórico. As narrativas da conquista da terra acontecem em uma época em que o Egito governava a região, e parece difícil que um grupo de fugitivos possa ter oferecido qualquer risco para o monopólio egípcio (VAUX, 1975, p. 105-132; QUESNEL *et al.*, 2002, p. 22-32). Finkelstein (2018, p. 129) destaca: “É extremamente improvável que as guarnições egípcias espalhadas pelo país tivessem permanecido à margem dos acontecimentos enquanto um grupo de refugiados (do Egito) causava estragos em toda a província de Canaã.”⁴

³ Para discussão mais ampla, ver Uwe Zerbst e Peter van der Veen (2005).

⁴ Ver também Finkelstein (2015, p. 29-55).

A compreensão dos acontecimentos dessa época precisa ser reavaliada, tanto aquelas das grandes conquistas quanto a de um “Império” Egípcio.

Price e House (2020, p. 266) bem salientam que o relato bíblico não apresenta a conquista da maneira como se presume, isto é, uma conquista avassaladora e momentânea. Não há dúvida de que a conquista foi extensa (Js 11:23), porém isso representou apenas uma conquista de território suficiente para permitir que as tribos israelitas se estabelecessem na terra (Jz 11:23; 13-17) (HOFFEMEIER, 2008, p. 98).

A questão envolvendo a extensão da conquista é complicada, pois, ao mesmo tempo que o texto de Josué diz que a “terra toda” fora conquistada, também diz que os israelitas não puderam conquistar toda a terra (Js 11:23; 13). As narrativas do livro de Juízes apresentam inúmeros conflitos entre os israelitas e seus vizinhos na terra (KEIL *et al.*, 1996, p. 91-92). Em Juízes 11:26 encontramos um diálogo de Jefté com o rei de Amom no qual o leitor é informado de que os israelitas já estavam há 300 anos na terra; Jefté tem sido datado em 1100 AEC. Se assim for, os israelitas chegaram na terra em torno de 1400 AEC, data aproximada para a conquista de Jericó, como vimos acima, e durante todo esse período houve conflito com os demais moradores da terra.

Marten Woudstra (2011, p. 187) explica essa “tensão” observando que “toda terra” refere-se aos principais pontos de resistência: “Tendo-se em mente o propósito desse resumo finalizador (ver linhas atrás), é possível saber como o autor pode dizer, de fato, que *Josué tomou toda a terra*. A principal resistência dos inimigos havia sido quebrada, embora ainda restasse muito trabalho a ser feito (13:1).”

Assim, a conquista da terra não deve ser vista como momentânea e completa, antes, foi uma conquista gradual que levou centenas de anos. Finkelstein (2018, p. 130) salientou que a geografia da terra e da conquista, como apresentada por Josué, não deveria ser encarada como uma fábula, pois é apresentada de forma acurada e lógica, daí podemos inferir que o escritor conhecia a terra. Este artigo se voltará agora para a extensão da dominação egípcia.

Questionou-se o porquê, uma vez que o Egito controlava Canaã durante a Idade do Bronze Final (1550-1200 AEC) e tinha guarnições lá, não há menção de atividade israelita na esfera de influência do Egito, e por que não há referência no livro de Josué para a presença das forças egípcias (BRIGHT, 2019, p. 201-232; HOFFEMEIER, 2008, p. 101-102).

A resposta para essa questão pode estar ligada à influência literária do Egito em Canaã. Era prática dos escribas egípcios omitir o nome de pessoas como uma forma de apagar a memória dela. James Hoffmeier (1994, p. 165-179) demonstrou essa dependência literária ao apontar que a forma como Josué 1-11 está escrito segue os Anais de Tutmósis III. Hoffmeier (1994, p. 176) salienta que ambos empregam narrativas longas para descrever as campanhas mais importantes, e relatos curtos e concisos de ações menos significativas, usando linguagem repetitiva e estereotipada. A declaração sumária é atestada em ambos, bem como referências ao despojo tomado.

Essas relações podem ser percebidas na forma como os Anais de Tutmósis III apresentam a conquista de Megido e como o texto da Bíblia Hebraica exhibe a conquista de Jericó.

Quadro 1: Relações literárias entre o registro da conquista de Megido e Jericó

Anais de Tutmósis III	Josué 1 – 6
1. A comissão divina para marchar e conquistar a Palestina (Urk. IV 647 – 649)	1. A comissão divina para conquistar e a garantia da vitória (Js 1:1-28)
2. Tutmósis pede que um advogado de guerra receba um relatório de inteligência (Urk. IV 649 – 3 642)	2. Josué envia espiões para trazer um relatório de inteligência de Jericó (Js 2)
3. A marcha por Aruna até Megido (Urk. IV 652. 13 – 655. 9)	3. A marcha pelo rio Jordão (Js 3:1-4:18)

4. Acampamento ao sul de Megido e preparativos para a guerra (Urk. IV 655. 12 – 656. 16)	4. A acampamento em Gilgal e preparativos para a guerra (Js 4:19-6:5)
5. A batalha e o cerco de Megido (Urk. IV 657. 2 – 661. 13)	5. Cerco de Jericó (Js 6:6-14)
6. A rendição de Megido e a apresentação de tributo a Tutmósis (Urk. IV 662. 8 – 663. 2)	6. A queda de Jericó e o despojo dedicado a YHWH (Js 6:15-25)

Fonte: Hoffmeier (1994, p. 174).

Essa influência literária depõe a favor da historicidade e antiguidade da presente narrativa que estamos discutindo. É necessário nos voltarmos para a extinção da dominação egípcia em Canã nessa época.

Os egípcios começam sua saga de conquistas com Amósis, por volta de 1540 AEC, quando este expulsa os hicsos das terras egípcias. Pouco mais tarde, sob a liderança de Tutmósis III, aproximadamente 1490-1436 AEC, o Egito atinge o ápice de seu poder. Durante esse tempo, o seu império estendeu-se para o Norte até uma linha que ia aproximadamente do Eufrates até a foz do Oriente, e para o Sul até a Quarta Catarata do Nilo, na Núbia (BRIGHT, 2019, p. 225).

Após esse período de conquistas militares, o controle egípcio sobre a região era indireto; os pequenos reis pagavam tributos ao faraó, e, ao que tudo indica, esses tributos eram pesados ao ponto de eles não poderem fortificar suas cidades. As cartas de Tell El-Amarna⁵ nos informam de que apenas três centros siro-palestinos eram sede dos governantes egípcios: Gaza, na costa meridional; Kumidi, na Beq'a libanesa; e Sumura, na costa setentrional. Ainda devemos observar que não mais do que 700 pessoas estavam responsáveis pela gestão desse “império” (LIVERANI, 2014, p. 36-37).

Assim, o Egito começa suas conquistas de forma avassaladora, mas isso não continua mais tarde. Em outras palavras, durante o período em que os israelitas buscam conquistar alguns territórios, o Egito não tinha uma presença forte em todos os locais.

As cartas de Tell El-Amarna exibem queixas de reis que estariam sendo alvo de um grupo chamado *'apiru*. Há amplo debate sobre a identidade desse grupo: alguns eruditos veem uma relação semântica com a palavra *hebreus*, enquanto outros não (MORALES, 2019, p. 239-240; SCHNIEDEWIND *et al.*, 2015, p. 32-33; KAEFER, 2015, p. 38-39). Um trecho de uma carta reflete bem essa realidade:

Carta 286: (1-4) Fala ao rei, meu senhor; assim 'Abdi-Heba, teu servo: aos pés do meu senhor, o rei, sete vezes e sete vezes caí. (5-8) O que fiz ao rei, meu senhor? Eles estão me difamando; estou sendo caluniado perante o rei, meu senhor: “'Abdi-Heba abandonou o rei, seu senhor.” (9-15) Olha, quanto a mim, nem meu pai nem minha mãe me colocaram neste lugar. O braço forte do rei me colocou na casa de meu pai. Eu (de todas as pessoas) cometo um crime contra o rei, «meu» senhor? (16-24) Enquanto (enquanto) o rei, meu senhor, direi ao comissário do rei, meu senhor: “Por que você ama os *'apiru* e odeia a cidade [governantes]?” Assim sou caluniado na presença do rei, meu senhor, porque estou dizendo: “Perdidas estão as terras do rei, meu senhor”, assim sou caluniado ao rei, meu senhor. [...] Os homens *'apiru* saquearam todas as terras do rei. Se existem regulares tropas neste ano, ainda haverá terras do rei, «meu» senhor. Mas se não há tropas regulares, as terras do rei, meu senhor, estão perdidas. (61-64) [Para o escriba do rei, meu senhor, assim 'Abdi-Heba, seu [servo]: “Apresente palavras eloquentes ao rei, meu senhor; [todas] as terras do rei, meu senhor, estão perdidas!” (SCHNIEDEWIND, 2015 *et al.*, p. 1.108-1.110).

O arqueólogo brasileiro Rodrigo Silva argumenta que a despeito das possíveis diferenças semânticas, as descrições feitas desse grupo nas cartas os relacionam com os hebreus. Os *'apiru* foram escravos no Egito, não tinham pátria, são descritos em alguns momentos como escravos, são descritos

⁵ Para estudo mais detalhado, ver Kaefer (2020).

como pastores e diversos territórios dominados por eles aparecem no texto bíblico como em posse dos hebreus (SILVA, 2008, p. 108-109; cf. BRIGHT, 2019, p. 248).⁶

Parece realmente razoável que exista relações entre os hebreus e os *'apiru*, porém não se pode argumentar que todos os *'apiru* fossem hebreus. Ao que parece, os hebreus têm sua origem entre os *'apiru*, como destacou Kaefer (2015, p. 39).

4. Considerações Finais

As discussões sobre a conquista de Jericó são amplas e extensas, havendo argumentos arqueológicos e históricos plausíveis de ambos os lados. As evidências materiais são inconclusivas em alguns pontos, como no caso dos muros, porém os achados em geral parecem favorecer a historicidade da narrativa. O fato de haver argumentação razoável para as diferentes posições acerca do tema em questão faz parecer que, nesse caso, as conclusões finais dependerão em grande medida dos pressupostos do acadêmico que pesquisa o tema.

Referências

BARROSA, J. F.; SILVA, R. P.; MUNITA, C. J. Preliminary chemical studies at the Jericho archaeological site. **Brazilian Journal of Radiation Sciences**, v. 9, n. 1, 2021, p. 1-12.

BÍBLIA. **Bíblia Sagrada**: Nova Versão Internacional. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2017.

BRIGHT, J. **História de Israel**. São Paulo: Paulus, 2019.

COBBING, F. John Garstang's excavations at Jericho: a cautionary tale. **Strata: Bulletin of the Anglo-Israel Archaeological Society**, v. 27, 2009, p. 63.

CURRID, J.; BARRETT, D. **Crossway ESV Bible atlas**. Wheaton, IL: Crossway, 2010.

DEVER, W. **Has archaeology buried the Bible?** Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2020.

DEVER, W. **Who were the early Israelites and where did they come from?** Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2003.

FINKELSTEIN, I. **A Bíblia desenterrada**: a nova visão arqueológica do antigo Israel e das origens nos seus textos sagrados. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

FINKELSTEIN, I. **O reino esquecido**: arqueologia e história de Israel do Norte. São Paulo: Paulus, 2015.

HOFFMEIER, J. **The archaeology of the Bible**. Jordan Hill: Lion Scholar, 2008.

⁶ Para estudo mais detalhado, ver Vaux (1975, p. 120-126).

HOFFMEIER, J. The Structure of Joshua 1-11 & the Annals of Thutmose III, in Faith Tradition & History. In: MILLARD, A.; HOFFMEIER, J., BAKER, D. (Eds.). **Faith, Tradition, and History Old Testament Historiography in Its Near Eastern Context**. Winona Lake, IN: Eisenbrauns, 1994.

KAEFER, J. A. **As cartas de Tell el-Amarna e o contexto social e político de Canaã antes de Israel**. São Paulo: Paulus, 2020.

KAEFER, J. A. **A Bíblia, a arqueologia e a história de Israel e Judá**. São Paulo: Paulus, 2015.

KAISER, W.; WEGNER, P. **A History of Israel**. Nashville, TN: B & H Academic, 2016.

KEIL, F.; DELITZSCH, F. **Commentary on the Old Testament**. Peabody, MA: Hendrickson, 1996.

LIVERANI, M. **Para além da Bíblia: história antiga de Israel**. São Paulo: Paulus; Loyola, 2014.

MAZAR, A. **Archaeology of the land of the Bible, 10,000-586 B.C.E**. London; New Haven, CT: Yale University Press, 1992.

MILLARD, A. **Descobertas dos tempos bíblicos: tesouros arqueológicos irradiam luz sobre a Bíblia**. São Paulo: Vida, 1999.

MORALES, P. C. **Arqueología bíblica: los textos bíblicos a la luz de los hallazgos arqueológicos**. Córdoba: Editorial Almuzara, 2019.

NIGRO, L.; CALCAGNILE, L.; YASIN, J.; GALLO, E.; QUARTA, G. Jerico and the chronology of Palestine in the Early Bronze Age: a radiometric re-assessment. **Radiocarbon**, v. 61, n. 1, 2019, p. 211-241.

PRICE, R. **Arqueologia bíblica: o que as últimas descobertas da arqueologia revelam sobre as verdades bíblicas**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2006.

PRICE, R.; HOUSE, W. **Manual de arqueologia bíblica Thomas Nelson**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2020.

QUESNEL, M., GRUSON, P. **La Biblia y su cultura**. Madrid: Editorial Sal Terrae, 2002.

SILVA, R. P. **Escavando a verdade: a arqueologia e as incríveis histórias da Bíblia**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008.

SCHNIEDEWIND, W. **The El-Amarna correspondence: a new edition of the cuneiform letters from the site of El-Amarna based on collations of all extant tablets**. Boston: Brill, 2015.

UWE, Z.; VEEN, P. **Keine Posaunen vor Jericho? Beiträge zur Archäologie der Landnahme**. Holzgerlingen: SCM Hänssler, 2005.

VAUX, R. **Historia Antigua de Israel I**: desde los origenes a la entrada em canaan. Madri: Ediciones Cristiandad, 1975.

WALTON, J.; MATTHEWS, V.; CHAVALAS, M. **Comentário histórico-cultural da Bíblia**: Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2018.

WOOD, B. Did the Israelites conquer Jericho? **Biblical Archaeology Review**, v. 16, 1990, p. 44-59.

WOOD, B. **The sociology of pottery in Ancient Palestine**: the ceramic industry and the diffusion of ceramic style in the Bronze and Iron Ages. Sheffield: JSOT Press Sheffield, 1990.

WOUDSTRA, M. **Josué**: Comentários do Antigo Testamento. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.